

Coronelismo e as mudanças identitárias na obra *O tempo é chegado*, de Euclides Neto

JULIANA CRISTINA FERREIRA*

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as mudanças identitárias ocorridas com os coronéis e cacauicultores ao sofrerem com a decadência do cacau, representadas na obra *O tempo é chegado* (2001) de Euclides Neto. A questão que move esta análise é compreender como ocorreu o processo de mudanças identitárias dos coconéis e cacauicultores após sofrerem o declínio do cultivo cacauero. Para abordarmos a questão das mudanças identitárias, buscamos refletir a partir da leitura de autores que falam da formação identitária com da convivência de um grupo em uma determinada região, conforme Hall (2006). E que nos esclarece sobre as mudanças identitárias a partir das mudanças que ocorrem na sociedade, conforme Silva (2012). A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica e a análise da obra *O tempo é chegado*. A resposta provisória para esta análise é a partir do declínio do cultivo cacauero, a região sul baiana sofreu mudanças em sua identidade.

Palavras-chave: Coronelismo; Mudanças identitárias; *O tempo é chegado*.

Coronelism and the changes of identity on the work *O tempo é chegado*, Euclides Neto

Abstract: The aim of this article is to analyze the changes of identity occurred with the colonels and cocoa grower to suffer with the decline of the cocoa, represented in the work *time is reached* (2001) to Euclides Neto. The question that drives this analysis is to understand how the identity changes process of the coconels and cocoa grower after suffering declining cocoa cultivation. To tackle the question of identity changes, we seek to reflect from the reading of authors who speak of identity formation with the coexistence of a group in a given region, as Hall (2006). And to enlighten us about the changes of identity from the changes that occur in society, as Silva (2012). The methodology used is the research literature and the analysis of the work *O tempo é chegado*. The interim response for this analysis is from the decline of cocoa cultivation, the sul-baiana region suffered changes in your identity.

Key words: Colonels; Identity changes; *O tempo é chegado*.



* JULIANA CRISTINA FERREIRA é doutoranda em Estudos Literários com pesquisa sobre a Literatura Nordestina de Euclides Neto.

Parece indiscutível, pois, o *coronel*, desde que chegou às cidades e assumiu o comando do poder municipal, implantou uma estrutura regional tão singular que acabou por conformar a civilização do cacau. Os componentes da estrutura, aliás não permitem dúvidas quanto à civilização. E, se forma inúmeros os componentes ainda acionados pelo *coronel*, como certos costumes, o tipo da habitação e o exercício público da administração [...].

ADONIAS FILHO. *Sul da Bahia: chão de cacau* (1978 – *grifo do autor*).



A figura do coronel é aquela que se destacava por sua importância política e sua riqueza na região onde residia. Na região cacauceira, comenta Adonias Filho (1978) o coronel do cacau possuía o domínio territorial e o poder político para praticar os seus mandos na sociedade, sem ser questionado pela população. Era influente em seus negócios, devido a sua autoridade sobre o povo. O seu poder aquisitivo era tamanho, que poderia fundar uma cidade e nela passar a residir, uma vez que, necessitava de uma comunidade com igreja para a esposa frequentar, escola para os filhos estudarem, médico e remédios, para cuidar da saúde, bem como de compradores de cacau.

Na região Sul da Bahia, o poder o coronel se iniciou com as plantações cacauceiras, quando os primeiros

desbravadores¹ chegaram à região, com o intuito de plantar a semente de cacau e conquistar mais terras. Segundo Adonias Filho (1978, p. 51 – *grifo do autor*) “o *desbravador* se converte em coronel no instante em que, tendo fundado o povoado e o transformado em vila ou cidade, nela passa a morar com autoridade igual ao juiz e ao padre”. Os primeiros desbravadores ou colonos chegaram ao Sul da Bahia, trazendo sementes de cacau da África, pois já haviam testado a plantação no Pará, porém não obtiveram resultados satisfatórios, devido ao clima seco. Todavia, nas terras baianas, com o clima mais ameno e úmido, foi favorável ao plantio.

Após o crescimento da lavoura, o coronel passou a ter grande poder econômico sobre a região onde estivesse inserido. Para Motta Filho (1977), a figura do coronel era definida como um ser predominante que possuía a “missão” de manter o equilíbrio social e econômico da região. Cascudo (1974) aponta que as bases econômicas da região estavam centradas nas mãos do “amo”, o qual possuía o poder de administrar o local com todo vigor e prestígio. Como percebemos, é uma figura que tinha muito poder sobre a população e por isso, podia praticar seus mandos, sem ser questionado por outras pessoas. Todo esse poder era conquistado com o crescimento e

¹ Desbravador é o colono que adentrava as regiões para conquistar mais território.

desenvolvimento das plantações cacaueiras.

O crescimento e o desenvolvimento das plantações a região sul-baiana, pondera Figueiredo (2005) passou a ser conhecida por seu caráter de parâmetro simbólico dentro do território brasileiro, sua língua, história, folclore, bandeira, natureza peculiar, dentre outros elementos que portam raízes na constituição cultural da região. Nesse aspecto, seus integrantes se reconheciam como pertencentes ao determinado lugar, ou seja, à cultura regionalista, também conhecida como a civilização do cacau.

Dentro dessa identificação regional, Euclides Neto, escritor literário, utilizou elementos históricos em seus textos ficcionais, ou seja, buscou inspiração na realidade para escrever suas narrativas. Assim, vemos que a voz narrativa dos contos de *O tempo é chegado* mostra as mudanças identitárias ocorridas com as personagens que viviam num cenário onde coronéis e fazendeiros do cacau faziam passeios constantes pela Europa, seus filhos estudavam nas principais capitais do país e suas esposas ostentavam roupas e joias importadas. Contudo, o ataque da *vassoura de bruxa*, segundo Rocha (2006), fez acordar aquele que dormia “eternamente em berço esplêndido”, ou seja, fez com que coronéis e fazendeiros comesçassem a olhar a vida por outros ângulos fora da monocultura, buscando novas possibilidades de vida.

Nesse sentido, compreendemos as vivências e acontecimentos das terras cacaueiras, que foram organizadas e ocupadas, afirma Simões (1998), através de posses de terras que se iniciaram com as Capitanias

Hereditárias², quem tinha mais posses, tinha poder e poderia obter lucros por meio de suas terras. Os proprietários de terras, ao perceberem que o cacau, considerado fruto dos deuses, como pondera Rocha (2006), devido ao seu sabor agradável, tornou-se grande fonte de renda, além de gerar empregos aos imigrantes que se mudavam para a região, para trabalharem como agregados nas fazendas. Os fazendeiros investiram no plantio, tornando-se coronéis ou grandes cacaucultores.

Com poderes aquisitivos, os cacaucultores se preocupavam somente com os lucros das safras e em se tornarem conhecidos na região. Passavam a maior parte de seu tempo, visando suas cobiças e vidas luxuosas, contudo, se esqueceram de olhar para o plantio, para averiguarem os cuidados e o seu desenvolvimento. Essa falha trouxe danos à lavoura, que após o ataque da *vassoura de bruxa*, os frutos ficaram com aspecto enferrujado e as árvores secas. Todavia, esse ataque só foi percebido pelos patrões, quando ocorreu a queda nas vendas, resultando no declínio do cultivo. A sociedade sofreu mudanças tanto na economia como no meio social e nas vivências da população.

Nesse sentido, as mudanças identitárias e sociais que a população sul baiana sofreu, segundo Figueiredo (2005), constitui a modernidade complexa e parte de uma definição que a identidade está cada vez mais fluida, sem contornos definidos, tanto culturais como políticos e sociológico. Por não ser fixa, a identidade, vem sendo cada

² Sistema de administração territorial criado pelo Rei de Portugal, D. João III, para evitar invasões, dividindo a administração do terreno às pessoas ligadas a Coroa Portuguesa, ou seja, “aos desbravadores”, conforme Carvalho (2001).

vez mais discutida no plural, como identidades, como um caráter provisório e está em constante devir. Assim, as mudanças identitárias que sofremos diante das mazelas sociais, tais como exclusão, opressão e exploração, em interação com os aspectos culturais e espaciais, tecem para a constituição de novas identidades, as quais não são construídas isoladamente, mas, a partir do contato com pessoas de outras culturas e outros saberes.

Ao falarmos de identidades no plural, dentro de um texto literário, referimos ao reconhecimento que fazemos das personagens em comparação com a realidade, Figueiredo (2005, p. 190) afirma que “trata-se de uma certa concepção de identidade”. Desse modo, as personagens de Euclides em *O tempo é chegado* representam uma determinada identidade antes do decaimento da produtividade do cacau, porém, após a crise, tais personagens precisam buscar novas maneiras de sobrevivência dentro da sociedade, mudando assim, suas identidades e a cultura da região.

Diante do declínio do cultivo cacauero, Euclides, o qual presenciou a importância dessa monocultura para o desenvolvimento sul baiano, com a exportação mundial, presenciou também, a doença *vassoura de bruxa*, tomando conta das roças de cacau, deixando as plantações com um aspecto necrosado, parecido com uma vassoura velha de bruxa, por isso, surgiu essa nomenclatura. Esta doença enfraqueceu as plantações e contribuiu para a derrocada da cacauicultura, o que provocou grandes impactos econômicos e sociais negativos para a região.

Nesse cenário de decadência da produtividade cacauero, a identidade do povo sul baiano sofreu mudanças e Euclides Neto, buscou ficcionalizar em

seus textos literários, o universo cultural e vivencial que configura uma visão de mundo e de comportamentos éticos, filosóficos e políticos, traduzidos em estratégias discursivas reveladoras do imaginário que mostram a perspectiva da mudança identitária dos moradores da região. Nessa ótica, a interação entre a ficção e o contexto sociocultural torna-se fundamentais, para desenvolvermos análise sobre as mudanças identitárias ocorridas com as personagens fazendeiras e coronéis, proprietárias de fazendas produtoras de cacau, as quais sofreram com a crise da monocultura, chegando até a serem desterritorializadas, devido às dívidas com bancos e agiotas.

1.1. O perfil dos coronéis e fazendeiros produtores de cacau

A figura do coronel era peculiar no Brasil, representava um membro da elite, por ser uma autoridade de mandos e desmandos da região em que vivia, possuía também, a função específica de cuidar para que a população se mantivesse em ordem. Segundo Rocha (2008), o poder do coronel advinha de sua grande riqueza e posse de terras, era um político que decidia o destino do povo de sua região. Sua influência política era capaz de montar grupos partidários com prestígios, para influenciar nos negócios do meio em que estava inserido. O coronel comenta Andrada (2005), possuía a função de manter a manutenção da ordem social onde vivia e sua importância era fortalecida por sua posição econômica.

Conhecido não somente por sua posse de latifúndios, mas também, por sua produtividade de cacau e do dinheiro conseguido com a venda do produto, a figura do coronel, representado nas obras literárias baianas é possuidora de uma grande força política e de grande autoridade. Possui o poder de fundar

vilas e cidades de acordo com seus interesses, necessidades e seus mandos, adquiridos com sua titularidade de coronel³ e sua riqueza granjeada com a produtividade, como é mostrado no conto “O tempo é chegado”, em que a personagem Dr. Santos, tão cheio de poder, segundo a voz narrativa, foi

capaz de nomear o delegado de Camumuzinho, seu gerente da fazenda, mandando e desmandando, prendendo trabalhador que não queria sair por bem, jogando-lhe processo nas costelas, bastava saber que tinha procurado o sindicato rural para reclamar na Justiça do Trabalho. (EUCLIDES NETO, 2001, p. 12).

Com toda sua soberania sobre o povo de Camumuzinho, o coronel Dr. Santos teve o poder até mesmo, de eleger o gerente de sua fazenda como delegado da cidade, retirando do trabalhador o direito de reivindicar seus descontentamentos salariais, bem como a exploração que vivia diariamente. A autoridade máxima da cidade era o coronel, por esse ângulo, segundo Holanda (1995), a soberania do proprietário de grandes fazendas e fortunas não sofria qualquer tipo de contestação da população, pois este detinha a alçada. Tudo era feito concordante ao seu próprio interesse.

Nesse aspecto, o coronel representado pela personagem Dr. Santos, mostrou todo seu poderio na região ao nomear como delegado, aquele que era o guardião de suas roças e cuidava da organização e do desenvolvimento das plantações cacauceiras. O gerente de fazenda, conhecido também como a figura do jagunço, de acordo com Matos (1999), era aquele que tinha os olhos atentos para proteger o território do

patrão, portando possuía armas e ódio no peito, o que justifica incessantes violências contra os trabalhadores, que nem direito de recorrer a Junta Trabalhista tinham.

Geralmente, o jagunço que era nomeado como gerente da fazenda, segundo Pang (1979), tinha algum parentesco do lado materno ou paterno com o proprietário e poderia ser chamado também, de “Rufião” no vernáculo regional. Sua função comenta Cunha (2003), era defender o patrão, por isso precisava ser forte, perigoso e mostrar muita valentia, a ponto de destruir o adversário de qualquer jeito, com sua habilidade e pontaria incomparável, tanto com a espingarda como também, com a faca. Os jagunços ficavam na cidade, caso o patrão tivesse função pública como coronel ou no meio rural dando proteção ao fazendeiro.

Acolhidos pelo governo, coronéis e fazendeiros podiam praticar os seus mandos à vontade, com a liberdade tanto para explorar o trabalhador, como para reger as normas da região. Todo esse poderio fazia com que os produtores pensassem que iriam ter renda luxuosa infinita e assim, segundo o narrador, Dr. Santos “há 25 anos não perdia o tempo correndo roças. Não dispunha de horas vagas. Preferia gozar as estações de água, hospedando-se nos soberbos hotéis, jogando até no Cassino de Mauá⁴” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 12). Os proprietários não dispunham de tempo para averiguar as plantações, pois o importante era o lucro gerado nas safras.

Protegido em todos os setores, coronéis e fazendeiros possuíam o poderio sobre toda a população, sem que esta tivesse o

³ Conseguida através de sua produtividade cacauceira e não por meio da carreira militar.

⁴ O Cassino de Mauá foi construído em 1941 para ser o maior cassino hotel da América do Sul (JORNAL O CLOBO, 2012).

direito de reclamar. De acordo com a voz narrativa, o fazendeiro Pelegrino, do conto “A rica fazendeira de cacau”, mesmo não possuindo nenhum cargo público, mas por ser grande cacauicultor, também podia mandar e desmandar enquanto estivesse “no meio da fazenda Linda Bela, gozando da fortuna” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 23). A produtividade do cacau em alta, a venda do produto e as exportações, rendiam de maneira lucrativa ao proprietário, tanto que este desfrutava de sua fortuna juntamente com a família, por meio de viagens feitas “três, quatro vezes por ano” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 24) para o estrangeiro. O interesse do fazendeiro era gracejar na companhia de sua família, viagens e mordomias.

Pelegrino não era coronel, mas era um fazendeiro importante e conhecido por todo, devido ao seu grande poder aquisitivo, por ser possuidor de terras a perderem de vista, no período das safras, conforme a voz narrativa, seus lucros eram de “cem, duzentos, quinhentos, mil” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 22) sacas por dia. O valor obtido durante as safras era alto e como percebemos, nesse período, quem tivesse mais produtividade com o plantio do cacau, era considerado grande produtor da região.

Nesse cenário de poderes aquisitivos, com a alta produtividade, o interesse dos fazendeiros e coronéis era protegido pelo Estado, uma vez que, de acordo com Heiene (2004), estes proprietários contribuíam financeiramente com os projetos estaduais, a fim de manter as vantagens da elite, as quais variavam de acordo com os benefícios arrecadados pelo governo. Segundo a voz narrativa, fazendeiros como Pelegrino, que geravam fortunas com a cacauicultura, podiam ficar “calculando os milhões

para adquirir mais uma fazenda vizinha” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 22). O cacau sendo a maior fonte lucrativa da região, conforme Heiene (2004), quem tinha mais poder, se apossava das terras dos mais fracos.

Na busca por acúmulo de riquezas, os fazendeiros visavam adquirir milhões com a plantação de cacau, para possuir mais terras. Assim, o fazendeiro Monteiro do conto “A rifa” já havia comprado a maior parte das fazendas vizinhas e de acordo com a voz narrativa, construiu “uma fazenda, com trezentos hectares, estufa, seis barcaças, dez casas de trabalhadores, casa sede com três suítes, piscina, energia elétrica, estrada na porta” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 115). A fazenda era grande e luxuosa e as dez casas apresentadas pela voz narrativa, eram feitas para os agregados morarem com suas famílias. Já a casa sede, era do patrão, se acaso este morasse na fazenda, pois se morasse na capital, quem era o premiado a morar na casa sede era o gerente da fazenda. Pondera Cardoso (2006), que o poder local do capital concentrava-se basicamente nas mãos dos latifundiários. Assim, os cacauicultores tornavam-se cada vez mais poderosos, levando uma vida de requinte, além das terras vizinhas, adquiridas com o lucro gerado nas safras.

Somada a fazenda, Monteiro, de acordo com o narrador, “possuía um apartamento em Salvador” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 114), comprou e deu de presente a sua única filha, que aos dezoito anos, havia passado no vestibular. Pondera Rocha (2008), que os cacauicultores não possuíam somente terras rurais, mas também, casas e apartamentos nas capitais, uma vez que, o seu poder econômico era tamanho, que o seu lema era possuir cada vez

mais casas na cidade e terras advindas das fazendas vizinhas, para aumentarem sua produtividade cacauceira.

Nesse mesmo sentido de vida luxuosa, o fazendeiro Argemiro, homem rico, casou-se com Dona Milu para somar as fortunas. Dono de muitas terras cacauceiras, o fazendeiro possuía poder e sua vida, comenta a voz narrativa, era “um luxo” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 107). Além da fazenda, possuía um apartamento em Ipiaú, “munido de geladeira, ar-condicionado, televisão, sanitário e até tapete ao lado da cama” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 107). Nos tempos do fruto de ouro, segundo Rocha (2006), era hábito dos fazendeiros e coronéis, possuírem casas ou apartamentos nas cidades. Uns até moravam na cidade e iam para as roças apenas no período da colheita, com o intuito de extrair o lucro gerado pelo cacau.

Desfrutando também, a vida luxuosa, estava o coronel Ananias, o qual, segundo a voz narrativa, “possuía grandeza das safras ricas do cacau” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 31). A fazenda, além de ser uma grande produtora do fruto de ouro, também era muito movimentada com o grande número de trabalhadores. Ananias possuía, de acordo com Falcón (1995), poder econômico e prestígio político, por ser coronel e cacauicultor. Comenta Rocha (2008), o poder era estabelecido de acordo com sua produtividade cacauceira.

Como percebemos, os grandes proprietários de cacau sul baianos, eram possuidores de grandes prestígios de poder econômico e político, pois, além de adquirir uma farta renda financeira no período das safras, tinham a proteção do governo, por contribuírem economicamente com as obras públicas. Somados aos prestígios, os cargos

públicos de coronéis, que eram adquiridos, conforme a grande produtividade no período das safras. Caso fossem em números bem elevados, o fazendeiro seria nomeado como coronel, como vimos os casos de Dr. Santos e Ananias. Mas, não desqualificava o poder de mandos e desmandos dos grandes cacauicultores como Pelegrino e Monteiro, que também possuíam uma grande lavoura de cacau na região.

1.2. Processo de mudanças identitárias dos cacauicultores no derrocamento do cacau

Os cacauicultores, devido à grande fartura conseguida no período das safras, pensavam que sua economia era eterna e que o cacau jamais pudesse chegar à decadência. Segundo a voz narrativa, o que se via era “os doutores, os genros, comprando carrões rabo-de-peixe, aviões, estendendo campos de pouso nas fazendas” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 11). Toda essa riqueza era construída, segundo Rocha (2008) conforme o crescimento da lavoura do cacau, bem como a identidade dos coronéis, os quais conquistaram o poder com as plantações. Todavia, com a falta de cuidados com a lavoura, o fruto de ouro entrou em declínio e a identidade da região sofreu mudanças.

Nesse quadro de derrocamento do cacau, compreendemos como as terras e o plantio ficou apenas a mercê dos trabalhadores e dos gerentes das fazendas. O coronel não dispunha de tempo para observar o desenvolvimento da lavoura e o cacau vinha se decaindo, os frutos ficando com um aspecto menos apetitoso. Com o descuido das plantações, final da década de 1960, os frutos já não tinham solução, a praga *vassoura de bruxa* já havia tomado conta das plantações e então, o tempo do derrocamento do cacau chegou.

Segundo a voz narrativa, era notório “a natureza sempre lutando contra o inimigo cruel, vingando-se com as forças telúricas, impiedosamente” e desse modo, “o sol, a vassoura-de-bruxa, a comedilha dos bancos, as casas roídas pelos bichos miúdos” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 11) eram o que os fazendeiros estavam presenciando. Nesse meio de perdas, os proprietários começaram a abandonar suas terras, pois o cacau já estava tomado pela ferrugem do fungo.

No momento em que o fruto entrou em decadência e quase em extinção, a identidade da região sul baiana começou a mudar, uma vez que foi construída a partir da importância do cultivo do cacau, tendo papel destacado no processo de produção regional. Afirma Rocha (2008) que este processo de escassez da produtividade, foi compreendido pelos moradores da região como um período que emergia grandes dificuldades tanto econômicas como sociais, o que gerou mudanças identitárias da região, a qual era conhecida como a civilização do cacau.

Nesse trajeto, o desespero dos cacaucultores foram imenso, tanto que o fazendeiro Pelegrino, no momento em que o cacau sofria a grande crise produtiva, viu, segundo a voz narrativa, “os bancos, ciganos exportadores levando tudo” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 24), deixando dívidas. Esclarece Albuquerque (2011), que as dívidas dos fazendeiros produtores de cacau surgiram com a tentativa de buscar soluções para vencer o ataque dos fungos e para o mercado voltar a vender o fruto com abundância.

Desse modo, a obra *O tempo é chegado* consegue representar as mudanças identitárias que ocorreram na região, resultante do declínio da produtividade cacaueira e levar o leitor a imaginar

todas as cenas descritas durante a leitura dos contos. Comenta Hansen (1992) que a narrativa consegue representar de maneira explicativa o efeito causado pelas mudanças que ocorrem com as personagens no decorrer das histórias. Logo percebemos que o narrador nos faz imaginar a dor das personagens que perderam suas plantações e todo o seu poder aquisitivo com o derrocamento da produção.

Diante da decadência e sem êxito em suas tentativas para a recuperação do plantio, o coronel Dr. Santos não resistiu e morreu, comenta a voz narrativa, “o coração lá nele se encheu de ódio e pipocou” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 12). A notícia do empobrecimento causou-lhe uma forte dor, fazendo com que viesse a falecer. Sentimentos como o ódio, o medo e a vergonha por não ter mais o poder sobre a população, tornou-se imensa. Adonias Filho (1978) comenta a respeito da responsabilidade que o coronel sentia por ter transformado o Sul da Bahia em chão de cacau, uma das mais ricas regiões do país e por isso, agora ver tudo em ruínas era doloso.

Nessa mesma situação, Argemiro, dono de muitas terras e de um apartamento na cidade, segundo a voz narrativa, ao se deparar com a situação irreversível da decadência do cacau, “tivera um derrame, causado pela vergonha de não conseguir pagar os débitos aos bancos e às firmas exportadoras de cacau” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 107). O fazendeiro veio a óbito, deixando as dívidas e os débitos bancários. Essas mortes eram correntes na região, no período do declínio do cultivo. Comenta Albuquerque (2011), os fazendeiros que perderam seus poderes no período da decadência do fruto de ouro, sentiam vergonha pelo empobrecimento e como

fuga da realidade, entregavam-se à morte.

Dessa maneira, vemos Pelegrino, fazendeiro dono de muitas terras cacauceiras, conhecido por todos da região devido a sua riqueza e produtividade, quando presenciou, segundo o narrador, “cacau afundando no preço, vassoura de bruxa comendo as roças. Os bancos, ciganos e exportadores levando o resto” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 24), não resistiu saber que estava perdendo toda a sua fortuna e morreu.

Perante esse quadro de mortes de muitos coronéis e fazendeiros, havia outros que enlouqueceram, segundo a voz narrativa, “o dono da Bela Flor endoideceu, o da Sorte Linda enviuvou, não queria ver ninguém, nem filhos, nem amigos, recolheu-se no fundo da roça mais escura, unhas crescendo, cabelo virando bicho” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 11). Nesse surto de mudanças comportamentais perante as perdas de suas riquezas, Foucault (2005, p. 14) comenta que, “a loucura e o louco tornam-se personagens maiores em sua ambiguidade”. A loucura é compreendida como a fuga da realidade dolosa e esses fazendeiros desvaneeceram-se, porque a dor de encarar que o tempo da decadência havia chegado era intensa. Pondera Bachelard (2008), os cantos ou algum espaço onde gostamos de nos recolher, são compreendidas como situações fugidias em relação à realidade pusilânimes.

Ao descrever a identidade e suas mudanças ocorridas no período do derrocamento da plantação de cacau, Euclides, um escritor regionalista, não poderia deixar de falar dos ciganos, que também estavam inseridos na região, buscando locupletarem à custa do desespero dos fazendeiros e coronéis,

frente à perda das roças de cacau. A barganha que os fazendeiros faziam, era uma atitude desesperada perante a decadência. Muito proprietários cheios de dívidas, buscavam alternativas nos bancos de Ilhéus e com a agiotagem dos ciganos. Todavia, era em vão o esforço, em decorrência do declínio da produtividade cacauceira, ocorrida principalmente com o ataque da *vassoura de bruxa*.

Diante das plantações, que segundo a voz narrativa apresentavam uma “doencinha braba e safada que chegou ninguém sabe de onde, e trazida ninguém sabia por quem” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 113), fez com que os fazendeiros gastassem toda a fortuna adquirida nos tempos auríferos, na esperança de recuperarem as fazendas e as plantações e voltarem a ter uma vida de viagens e muito luxo. Como afirma Oliveira e Simões (2010), os fazendeiros foram acumulando dívidas até admitirem que o modelo econômico regional sul baiano houvesse entrado em declínio.

A personagem Monteiro, diante da crise teve uma ideia de rifar seus bens matérias, segundo a voz narrativa, “correu casas, comércio, bancos, ruas. Botou no alto-falante. Até que os vendeu bem” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 115). Com o desejo de vencer a crise, o fazendeiro conseguiu vender bastantes bilhetes. Comenta Albuquerque (2011) na luta desesperada, após o ataque do fungo para manter suas plantações, muitos cacauicultores buscaram novas alternativas de sobrevivência.

Já o coronel Ananias, diante da grande crise histórica do derrocamento do cacau, a qual trouxe desestruturação aos moradores do Sul da Bahia, a voz narrativa apresenta a fazenda do coronel, que, “sem a grandeza dos

tempos das safras ricas do cacau, continua frequentada” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 31), uma vez que, o cacauicultor doou a parte da frente da fazenda para os trabalhadores, que agora se encontravam destituídos de emprego, construísem uma rinha para a realização das brigas de galo. O coronel Ananias, deixou a titularidade de coronel para se tornar criador de galos “gladiadores” que disputassem campeonatos. Segundo a voz narrativa, agora Ananias fazia era “tratar dos galos, inclusive dos mais de duzentos que ele criava na fazenda e acompanhá-los nas valentias das lutas” (EUCLIDES NETO, 2001, p. 32). O coronel Ananias passou a ser conhecido como o criador de galos. Assim, compreendemos que as mudanças identitárias ocorrem de acordo com as atividades que produzimos cotidianamente. Nos dizeres de Woodward (2012), a representação e significação das atividades humanas dão origem às identidades individuais e culturais, marcadas através do encontro do presente com o passado dos sujeitos.

Como observamos, a crise do cultivo do cacau chegou às terras sul baianas, porém, muitos moradores não desistiram de buscar novas possibilidades de subsistência. Mesmo que a região tenha sido a maior produtora de cacau do Brasil, como afirma Albuquerque (2011), o cacau respondia por mais da metade dos recursos gerados na Bahia para o país.

Como percebemos, as personagens Monteiro e Ananias, fazendeiros que sofreram com a crise da produção cacauceira, porém resolveram enfrentar a decadência, através de novas alternativas de sobrevivência. Ambos não chegaram a falecer como as personagens Dr. Santos, Pelegrino e Argemiro, mas vivenciaram arduamente

a situação de perda de suas terras e das lavouras de cacau. Passaram por momentos difíceis, tentaram correr atrás do prejuízo e salvar as plantações, mas a *vassoura de bruxa* atacava velozmente, além das dívidas para os bancos, ciganos e exportadores.

Como observamos todas essas personagens que representavam a figura do coronel, tiveram suas identidades mudadas em decorrência da crise da produção cacauceira. Os mais orgulhosos, que mandavam na região, por serem considerados “superiores aos demais mortais” (PEIXOTO, 1974, p. 9), não conseguiram superar a crise e morreram.

Considerações finais

No decorrer das análises dos contos da obra *O tempo é chegado*, compreendemos que a decadência do cacau trouxe mudanças para a região sul baiana, principalmente para os coronéis e fazendeiros cacauicultores, os quais precisaram buscar novas alternativas para sobreviverem o declínio da produtividade do fruto de ouro. Todavia, os tempos da crise foram tão difíceis que muitos coronéis não resistiram e vieram a óbito.

Dessa maneira, as personagens Dr. Santos, Pelegrino e Argemiro, as quais faleceram no momento em que perceberam que não havia mais solução para o derrocamento do cacau, pois perder o poder e toda a fortuna era um acontecimento que não passava em seus pensamentos, principalmente no período áureo. O poder que eles possuíam diante da população devido aos seus lucros gerados com a produtividade cacauceira os favoreciam em todos os aspectos, políticos, sociais e econômicos.

Havia também, aqueles fazendeiros que buscavam novas alternativas de sobrevivência como as personagens

Monteiro e Ananias, os quais decidiram enfrentar o problema e buscar novas possibilidades que gerassem subsistência para eles próprios. Ananias construiu a rinha e ganhava com as apostas e com os ingressos. Monteiro rifou seus bens materiais para sanar as dívidas.

Referências

ANDRADA, Antônio Carlos. Coronelismo. Disponível em: <http://www.antoniosandrade.com.br/artigo>. Acesso em 13 mar. 2005.

ALBUQUERQUE, Eliana Cristina Paula Tenório de. *Coronelismo, jornalismo e relações de poder no Sul da Bahia*. Santa Cruz, Bahia: Editora UESC, 2011.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2008.

CARDOSO, João Batista. *Literatura do cacau: ficção, ideologia e realidade*. Ilhéus: Editus, 2006.

CARVALHO, José Batista de. *As Capitâneas Hereditárias e a administração colonial*. São Paulo: Multimaps, 2001. Disponível em: [www.http://historiadorbrasil.net](http://historiadorbrasil.net), 2001.

CASCUDO, Luis da Câmara. *O livro das velhas figuras*. Natal: Instituto Histórico e geográfico do Rio Grande do Norte, 1974.

CÉSAR, Eliezer. *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto*. Ilhéus: Editus, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

EUCLIDES NETO. *Dicionário das roças de cacau e arredores*. 2. ed. Ilhéus: Editus, 2002.

EUCLIDES NETO. *O tempo é chegado*. Ilhéus: Editus, 2001.

FIGUEIREDO, Eurídice. Identidade nacional e identidade cultural. In: _____. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 189-205.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro; 11. ed. Rio de Janeiro, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORNAL O GLOBO. 23 de janeiro de 2012. Consultado em 21 de abril de 2012.

MATOS, Cyro de. *O mar na rua do Chile e outras crônicas*. Ilhéus: Editus, 1999.

PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e oligarquias*. A Bahia na primeira República Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PEIXOTO, Afrânio. *Semiótica e Filosofia*. (Introdução, seleção e tradução de Octaviani Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg). São Paulo: Cultrix, 1972.

ROCHA, Lurdes Bertol. *A região cacauífera da Bahia: uma abordagem fenomenológica*. Aracaju, SE: UFS/POSGRAD, 2006.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A ficção da região cacauífera baiana: questão identitária. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. UESC, nº 1, 1997/98, p. 119-128.

SILVA, Tomás Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 71-131.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 7-72.

Recebido em 2018-01-15
Publicado em 2018-03-10